

# O Espaço Público e a Questão Operária: O Testemunho do jornal *A Estrela*

João Carlos Correia  
Universidade da Beira Interior

## Índice

1 A vida dos operários	2
2 A dimensão política da esfera pública operária covilhanense	3
3 Dimensão cultural da esfera pública	6
4 Os protagonistas	6
5 Bibliografia	7

**Resumo:** Esta comunicação pretende interrogar-se sobre a existência, na Covilhã, de uma esfera pública de origem operária, com as respectivas dimensão cultural, política e de reflexão sobre a subjectividade, seguindo o modelo aplicado por Junger Habermas ao século XVIII. Para esse efeito, recorre-se ao testemunho do jornal operário "A Estrela", publicado ao longo dos anos de 1907-1908, e que constitui uma das primeiras publicações covilhanenses conhecidas que reflecte uma ideologia socialista e de compromisso com as aspirações do operariado têxtil.

O espaço público é um conceito introduzido nas Ciências Sociais e Humanas e na Teoria Política que diz respeito, na concepção de Habermas, à formação na modernidade, de uma instância crítica de exercício

crítico da razão e de legitimação de decisões de poder. Esta instância seria marcada pelo universalismo no que respeita à participação dos cidadãos e pela abertura essencial no que respeita aos temas que eram objecto de discussão. Surge por isso como um conceito muito ligado à actividade dos intelectuais iluminados, os quais, no espaço de reunião dos públicos, através dos instrumentos emergentes de formação de opinião (a Imprensa, os clubes, as associações) procediam ao exercício de uma nova forma de participação nas questões de natureza política, forma esta que identifica com o que designamos, vulgarmente, por exercício da "cidadania". (HABERMAS, 1984: 46-60)

O espaço público iluminista foi sendo entendido, no interior de algumas correntes da Teoria Política, como o gérmen do modelo democrático de formação de opinião e de exercício da cidadania com vista ao controlo do poder. Nesse sentido, o termo foi descontextualizado da sua origem histórica para se referir, sob um ponto de vista normativo, ao modelo democrático de formação de opinião. (Ferry, 1989:17) Contemporaneamente, o conceito de espaço público tem sido objecto de numerosas críticas pelo facto de não ter tido em conta as formas de do-

minação e de exclusão que as suas aspirações de universalismo ocultavam, designadamente as exclusões no que respeita à diferenciação social. O principal ponto desenvolvido por algumas destas críticas é a insistência no facto de que, apesar da retórica da acessibilidade, a esfera pública era constituída por um número significativo de exclusões, sendo mesmo o lugar institucional de construção de um consenso que define a nova forma hegemónica de dominação. Afinal, esta hipótese argue em favor de a ideia de transformação do "eu" em "nós, introduzida pelas novas formas de deliberação e formação de vontade pública, poder conter formas subtis de dominação. Apesar de o espaço público assentar na premissa de que é possível aos interlocutores suspenderem as diferenças de estatutos para deliberarem como se fossem iguais, verifica-se que o tipo de protocolo e de estilo vigentes podem funcionar para marginalizar as identidades culturais e sociais excluídas. (FRAZER, 1992: 109-141)

A Covilhã, pelas suas características, pode surgir como um exemplo da validade desta crítica. O jornal "A Estrela" e a vivência associativa testemunhada pelos seus repórteres durante a monarquia (1907-1908) constituem um exemplo da existência de uma instância dessa natureza, suportada por espaços de reunião específicos, servida por instrumentos de formação de opinião próprios e geradora de valores, conceitos e normas que seriam igualmente dotados de particularidades relacionadas com a afirmação política, social e cultural dos trabalhadores da indústria têxtil.

## 1 A vida dos operários

A busca de um espaço público centrado em torno de uma classe não se resume à identificação de um palco aonde se detecta o desempenho de uma intervenção política centrada nas questões sociais. Pelo contrário, o conceito de esfera pública moderna foi pensado de acordo com a identificação de uma forma de vida que incluiu modificações como sejam a vivência da subjectividade, alterações de costumes que induziram a possibilidade de uma certa forma de coloquialidade, e até uma alteração estrutural na vivência dos afectos e sentimentos. (HABERMAS, 1984: 44-46) A afirmação de um espaço público centrado na emergência do proletariado têxtil deve incluir a identificação de uma cultura operária o que implica o recenseamento dos hábitos e costumes de uma determinada comunidade ao qual se reconhece uma dada unidade.

Ao longo de "A Estrela", encontramos as marcas do quotidiano operário e da "cultura dos pobres", através de uma insistência em temas que dizem respeito à vida do dia a dia: a educação, o trabalho feminino, a moral nas fábricas e o assédio sexual são alguns dos temas abordados, ao longo dos anos de 1907-1908, num contexto de crise e decadência da indústria e agravamento das condições de vida.

O alcoolismo constitui um problema de tal forma generalizado que as três associações de classe (Manipuladores de Tecidos, Cardadores e Acabadores) enviaram, em 1907, um telegrama ao Governador Civil onde "rogam a fineza de não permitir tabernas abertas ao Domingo, porque causam enorme prejuízo às famílias operárias." (A ESTRELA Nº5, 1907: 2). O tema regressa sob a forma de

um verdadeiro manifesto intitulado "Abaixo a Taberna !Abaixo o Alcoolismo!" onde se diz que, no interior, se apanham muitíssimas doenças, porque "o ar que ali se respira não leva dez por cento de oxigénio aos pulmões e o vinho que ali se absorve é muita vez uma mixórdia de água (...) junta com materiais corantes" e "onde quase vos asfixia um forte vapor avinhado e alcoolizado de mistura com um forte cheiro a tabaco, cujo forma uma nuvem que envolve todos quantos ali, sob um soalho avinhado e coberto de pontas de cigarro e em volta de uma sebenta mesa de pinho, empunham, de mistura com negros e tarrentos copos, numas mãos não menos negras sujas e sebentas cartas." (A ESTRELA Nº 18, 1908: 4).

A educação e o trabalho infantil são outra preocupação deste jornal: "Entremos nas escolas e aí encontraremos os bancos ocupados por uma pequena parcela de filhos de operários. Deixemos porém as escolas e entremos nas portas das fábricas e, logo ali, às primeiras investigações acharemos um grandíssimo número de crianças, de 10 a 16 anos, trabalhando dia e noite (...)" (A ESTRELA Nº 9, 1907: 1).

O tema da presença da mulher na fábrica é objecto de uma tematização insistente aonde se procede a uma relação entre a desigualdade salarial e o tema do assédio sexual das operárias. As fábricas são descritas como o local "onde se ouvem as canções impúdicas de um descantar escandaloso, o gracejar infame das infimas e puras bacanais, o costume e a infâmia das saturnais onde se sacrifica a inocência, a honra e a dignidade dos filhos do povo. A fábrica em vez da escola de trabalho onde a moralidade deveria ter ninho predilecto é antes viveiro do vício onde medram todas as impurezas desde a sedução

pelo ouro à desonra forçada, até ao proceder infame e viliíssimo de um conjunto de torpezas próprias não de seres humanos mas de irracionais." (A ESTRELA Nº 16, 1907: 1). Afirma-se taxativamente que "se permitem e se determinam os serões das mulheres até à meia noite e mais e se oferecem a muitas destas as comodidades precisas para que em lugar de virem a casa para o seio das suas famílias ali durmam debaixo da guarda de empregados favoritos que muitas vezes bem lhe vai por estas actos de caridade e de zêlo inexplicáveis." (A ESTRELA Nº 16, 1907: 2). Em contrapartida multiplicam-se os apelos aos operários no sentido de respeitarem, considerarem e alentarem as suas companheiras, cuja inferioridade intelectual é desmentida. (A ESTRELA, Nº 16, 1907: 2).

## **2 A dimensão política da esfera pública operária covilhanense**

Qualquer esfera pública supõe um espaço de intervenção política. As questões políticas relacionadas com o operariado suscitam na Covilhã daquele tempo diversas formas de intervenção. O "Eco da Beira" dirigido pelo Cónego Anaquim reflectia as preocupações da Igreja e dava algum noticiário sobre as Associações de Classe em que se encontravam inscritos os operários têxteis. O Ciclo Católico Operário, dinamizado nomeadamente por Artur Moura Quintela, era o reflexo de uma grande parte das preocupações sentidas pela Igreja em relação às ideologias socialista e anarquista. Em 1909, realizou-se na Covilhã o III Congresso Nacional das Associações Populares Católicas, de cuja Comissão Central fez parte Moura Quintela. (FONSECA:201)

Os republicanos centram-se, neste período, em torno do jornal "A Covilhã" dirigido por José Pereira Barata. Há um indício de uma aliança típica entre o republicanismo e o associativismo socialista covilhanense. O jornal republicano inclui uma coluna intitulada "Jornal do Operariado", onde escreve José Bernardo Gíria, tecelão com intervenção destacada na respectiva associação. Nesta coluna, faz-se inclusivamente, uma descrição pormenorizada da greve dos operários da Fábrica Campos Melo em 1908. Destaque-se que esta greve foi despoletada pelo despedimento do Director do jornal socialista "A Estrela", José Bernardo Gíria, durou de 23 de Dezembro a 9 de Janeiro, mobilizou todos os tecelões daquela fábrica e incluiu, durante as diversas agitações populares, o desfecho de um tiro sobre o mestre responsável pelo despedimento. (FONSECA: 139).

O ideário socialista era representado entre nós por um Centro ao qual estavam ligados José Bernardo Gíria, Francisco Rodrigues Taborda, Antónia Maria Casimiro, entre outras. Esta forma de pensar era claramente representada pelo jornal "A Estrela". As suas marcas ideológicas e políticas mais fortes eram as seguintes:

- a insistência na denúncia da miséria da condição operária, insitência esta já demonstrada neste artigo;
- um certo moralismo social, de natureza reformadora, que pensamos já ter documentado;
- a defesa clara do associativismo, do cooperativismo e do mutualismo como se a ideia de associação livre dos trabalhadores não fizesse apenas parte da tática dos trabalhadores mas do próprio conteúdo da sociedade futura que haveria de substituir a actual tida

como injusta. Este cooperativismo haveria de conduzir à diminuição da acção do capital, "de forma a que este chegue a um Estado em que o seu predomínio seja quase nulo e apenas constitua um simples auxiliar." (A ESTRELA Nº 6, 1907: ). Destaque-se que um dos colaboradores permanentes com diversos artigos publicados é José Cipriano da Costa Goodolphim, pladino incansável do associativismo. (OLIVEIRA, 1974: 13). Num dos seus artigos publicados pode ler-se: "Operários da Covilhã, associai-vos, formai uma grande família de todos, ligada pelo doce sentimento da fraternidade e do amor." (GOODOLPHIM, 1907: 1)

- um certo radicalismo anti-patronal que se manifesta em queixas específicas. Esporadicamente, assiste-se a denúncias públicas de intervenções de mestres mais severos;

- a defesa do esclarecimento e "dos princípios que levantam e esclarecem o espírito". (A ESTRELA Nº 11, 1907: 1) Acredita-se na instrução e na educação como elementos dotados de potencialidades para a execução da reforma social;

- um certo anticlericalismo. O jornal publica a tese defendida por Auguste Bebel que "autoriza os seus companheiros, individualmente, a fazerem guerra às religiões, opondo-lhes as terorias dos sábios e a descoberta da ciência" e que acredita "que as religiões se vão sucessivamente debilitando à medida que a mentalidade dos trabalhadores se desenvolva." (A ESTRELA nº 11, 1907: 3) O jornal assume uma certa fricção com o Centro Católico que se dá a conhecer de uma forma relativamente evidente quando se efectua a deslocação de um sacerdote ao centro católico para se referir á questão operária. A notícia, intitulada de forma sugestiva, é dada de forma sugestiva: "O nosso clero,

o nosso virtuoso clero covilhanense, no intuito de dar força e prestígio ao Círculo Católico, para submeter pacientemente centenas de trabalhadores ao jugo despótico dos patrões, convidou a vir a esta cidade o Reverendo Benvenuto Sousa para com a plavra quente e sugestiva deste grande orador católico, arebanhar para o círculo o numeroso operariado covilhanense. Os seus planos baqueiam, os seus esforços serão infrutíferos, porque o povo vai conhecendo a sua manha, vê a sua astúcia arditosa e volta-lhe as costas, olhando com indiferença para os seus expedientes."(A ESTRELA N° 20, 1908: 1).

– a assunção do socialismo como doutrina essencial. Apesar de se tratar de um traço claro absolutamente assumido e indismutável - inserem-se artigos como sejam "Acção e Tática do Partido Socialista"(A ESTRELA N°20, 1908: 3), "Aspirações Socialistas", (A ESTRELA N°s 7,8, 9, 1907), "O que os grandes intelectuais pensam do socialismo"(A ESTRELA N°5, 1907: 2) entre outros que não deixam dúvidas sobre a filiação ideológica do jornal - oscila-se entre uma (rara) manifestação do ideal marxista e o ideal consideravelmente mais presente de "uma revolução pacífica dos pensamentos, das ideias e dos princípios."(A ESTRELA N°11, 1907: 1).

A defesa do associativismo, já atrás referido como um dos traços mais marcantes concretiza-se através do relevo fundamental dado ao associativismo operário, bem visível na abundante descrição do processo de fusão das três associações de classe numa única associação que se poderá considerar antepassada do Sindicato Têxtil. Assim, a Associação de Classe dos Operários Têxteis, resultante da fusão da Associação de Manipuladores de Tecidos, Cardadores e Acaba-

dores foi fundada em 13 de Novembro de 1907. (A ESTRELA N° 14, 1907: 1). Os festejos que se assinalam esta iniciativa têm lugar ao longo dos dias 17 e 18 e são descritos como "preliminar desse levantado empreendimento que um dia há-de levar as classes covilhanenses ao ideal sublime em que se alicerçavam todas essas regalias, direitos e isenções que hão-de fazer do povo trabalhador um povo forte, livre e insensível."(A ESTRELA n° 14, 1907: 1).

Os primeiros corpos gerentes eleitos são os seguintes:

Assembleia Geral - Alberto Inácio da Costa, Presidente; José Pinto, Vice-Presidente; Alberto Elói da Costa, 1º Secretário; João Antunes Barqueiro, 2º Secretário; José Ranito, Vogal; José Bicho e João Borges Terenas, Suplentes;

Direcção - Francisco Rodrigues Tabora, Presidente; João Paulo Rato, Vice-Presidente; Abel Maria, 1º Secretário; Clemente da Cruz Fazenda, 2º Secretário; Gregório da Costa, Vogal; Luís Rodrigues Marques, Vogal; Bento Grifo, Vogal;

Conselho Fiscal - António Fernandes dos Santos; António Antunes Garri e José Antunes, efectivo; José Abelha, Francisco Garcia e Martinho da Ressureição, Suplentes. (A ESTRELA n° 19, 1908: 3)

Quanto aos redactores dos estatutos foram os seguintes: António Fernandes dos Santos, José Bernardo Gíria, António Maria Casimiro, Manuel dos Santos Luís, João Paulo Rato, Clemente da Cruz Fazenda, Manuel Abílio, António Augusto da Costa, Vicente Fernandes Fino, Vitor Ferreira, Francisco Rodrigues Tabora, Bento d' Oliveira, António dos Santos Mondego, João Lopes Craveiro, António de Matos Pombo, Luís Marques, José Mendes Marmeleiro, Alberto

Inácio da Costa, João Baptista Roseta, José Martins Farrapa, José Martinho, Ambrósio Cosme e José Pinto. (A ESTRELA N° 19, 1908: 4).

### 3 Dimensão cultural da esfera pública

O aparecimento de uma esfera pública além de uma problematização do quotidiano e de uma esfera política cuja existência já constatamos, implica a produção de jornais e de meios de manifestação artística que sejam símbolos de pertença a essa esfera. Além do jornal que temos vindo a analisar, a existência de uma esfera pública operária é detectável em diversos elementos. Desde logo, verifica-se a existência de uma grande apetência pelo Teatro. No mesmo momento em que surge o jornal "A Estrela" e se começa a notar a influência do Centro Socialista, é fundado o Grupo José Fontana, grupo dramático oriundo da Associação de Classe dos Manipuladores de Tecidos que se estreia em 1907. (A ESTRELA N° 6: 1907: 2), após o qual se seguem a apresentação da peça em três actos "A Pena de Morte", referida como um drama sensacional, a Comédia "O Tio Mateus" (A ESTRELA N° 8, 1907: 2), o drama em três actos "Veterano da Liberdade", a comédia "Efeitos do Vinho Novo" (A ESTRELA N° 10, 1907: 3), a peça "Morrer Para Ter Dinheiro", estreada na festa de inauguração dos estatutos da Associação de Classe (A ESTRELA N° 13, 1907: 2), o drama "Cenas do Mundo" (A ESTRELA N° 14, 1907:3), entre muitos outros. Entre alguns dos actores amadores que participavam nestes saraus e récitas contavam-se Ambrósio Cosme, Francisco Rodrigues Taborda, Luís Marques

e Vicente Fino, entre outros activistas da Associação de Classe dos Manipuladores de Tecidos. O Grupo tinha a sua sede na Associação de Classe dos Manipuladores de Tecidos, na Rua Marquês d'Ávila e Bolama e era, em 1907, presidido por Manuel Pina, sendo tesoureiro, José Saraiva, Vice-Presidente, Vicente Fernandes Fino, 1º Secretário, António Figueiredo, 2º Secretário, Alberto Elói Baptista e vogais Luís Marques, Alberto Inácio da Costa e Ambrósio Cosme. Outro grupo dramático que é inistentemente referido como sendo uma referência cultural do operariado têxtil covilhanense é a "Trupe Esperança". (A ESTRELA N° 18, 1908: 2)

### 4 Os protagonistas

Para que uma esfera pública pudesse ser baptizada como representativa de uma determinada classe, estavam reunidos um conjunto de requisitos. Faltava porém assegurar que os protagonistas, designadamente os redactores, eram efectivos participantes de uma esfera pública de origem efectivamente operária ou se tratavam de intelectuais reformistas que se debruçavam sobre estes temas, como muitas vezes sucede no processo de constituição de vanguardas ou que como tal se autodenominem. O jornal ostenta até ao número 17, por debaixo do título a frase: "Semanário especialmente destinado à defesa da Covilhã e das Classes Laboriosas." Do número 17 para o n° 18, verifica-se uma alteração passando a identificar-se como "Órgão dos Operários da Indústria Têxtil." Esta alteração dá-se algum tempo depois de a Direcção e a Propriedade ser assumida por José Bernardo Gíria, sucedendo a António Maria Casimiro. Até ao número 17, José Gíria aparecia no cabeçalho como

o nome da pessoa a quem deve ser dirigida toda a correspondência. José Gíria e António Maria Casimiro são ambos tecelões e co-redactores dos estatutos da nova Associação de Classe. Outros nomes que aparecem a redigir textos de importância no jornal contam-se o de José Pinto Vice-Presidente da Assembleia Geral da Associação de Classe dos Operários Têxteis, J. Fernandes Alves e Ambrósio Cosme, ambos tecelões, membros do grupo de Teatro José Fontana e igualmente co-redactores dos Estatutos da Associação de Classe. Na maior parte dos textos não assinados aparecem deícticos e expressões de que indiciam tratarem-se de activistas de das diversas associações de classe a escreverem efectivamente.

Finalmente, em todos o caso, assiste-se a uma hegemonia relativamente importante dos tecelões, a qual se faz sentir nas greves desencadeadas nesse período (VILLAVÉRDE CABRAL, 1979: 205-6) e nos principais círculos associativos, culturais e políticos.

## 5 Bibliografia

### Jornais:

"A ESTRELA"nº 5, 22 de Setembro de 1907, ANO I, Covilhã, Director e Proprietário: António Maria Casimiro.

"A ESTRELA"nº 6, 29 de Setembro de 1907, ANO I, Covilhã, Director e Proprietário: António Maria Casimiro.

"A ESTRELA"nº 8, 13 de Outubro de 1907, Ano I, Director e Proprietário: António Maria Casimiro.

"A ESTRELA"nº 9, 20 de Outubro de 1907,

Ano I, Director e Proprietário: António Maria Casimiro.

"A ESTRELA"nº 10, 27 de Outubro de 1907, Ano I, Director e Proprietário: António Maria Casimiro.

"A ESTRELA"nº 11, 3 de Novembro de 1907, Ano I, Director e Proprietário: António Maria Casimiro.

"A ESTRELA"nº 13, 17 de Novembro de 1907, Director e Proprietário: António Maria Casimiro.

"A ESTRELA"nº 14, 24 de Novembro de 1907, Director e Proprietário: António Maria Casimiro.

"A ESTRELA"nº 16, 22 de Dezembro de 1907, Ano I, Director e Proprietário: António Maria Casimiro.

"A ESTRELA"nº 18, 5 de Janeiro de 1908, ANO I, Director e Proprietário: José Bernardo Gíria.

"A ESTRELA"nº 19, 12 de Janeiro de 1908, ANO I, Director e Proprietário: José Bernardo Gíria

"A ESTRELA"nº 20, Covilhã, 19 de Janeiro de 1908, Ano I, Director e Proprietário: José Bernardo Gíria.

### Livros e artigos:

Ferry, Jean-Marc, 1984, *Les Transformations de la publicité politique in Hermès-Le Nouvel Espace Publique (nº4)*, PARIS, CNRS.

Fonseca, Carlos da, S/D, *História do Movimento Operário*, Lisboa, Europa-América.

Godolphim, Costa, 1907, *Passado e Presente*  
in "A ESTRELA" nº 10, 27 de Outubro  
de 1907, Ano I, Propriedade e Direcção:  
António Maria Casimiro.

Habermas, Jurgen, 1984, *Mudanças Estruturais da Esfera Pública*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.

Oliveira, César, 1974, *Prefácio a Costa Godolphim*, A Associação, Lisboa, Seara Nova.